

JORNALISMO CIENTÍFICO: DIVULGAÇÃO OU DISSEMINAÇÃO, E SUA RELAÇÃO COM OS CIENTISTAS

Macri Elaine Colombo¹
Denize Piccolotto Carvalho Levy²

RESUMO

A proposta deste artigo é nos levar a uma reflexão e ao debate sobre a questão: “Jornalismo científico é ciência?”. Tentaremos abordar as técnicas e práticas envolvidas pelos jornalistas, para divulgação ou disseminação de um texto com pleno caráter científico. Relataremos sobre a relação conflituosa entre jornalistas e cientistas, sobre aspectos intrínsecos para abordagem e contextualização de um determinado tema, passando desde o momento da coleta das informações até o apogeu das publicações, para que possamos compreender o porquê das dificuldades de se conceituar e distinguir o estilo das obras produzidas. Utilizaremos a pesquisa bibliográfica, a descritiva e a explicativa, dando assim, o devido embasamento científico para tratativa do trabalho.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo científico. Divulgação. Disseminação.

¹ Mestranda do Curso de Jornalismo do PPGCCOM – UFAM, email: macricolombo@hotmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo do PPGCCOM-UFAM, email: piccolottolevy@gmail.com

INTRODUÇÃO

Fundamentar a importância de se discutir o jornalismo é ciência e o papel que o jornalismo científico exerce sobre a sociedade, significa avançar para a compreensão e constituição de um debate social em toda sua amplitude.

O jornalismo científico se encarrega da árdua tarefa de decodificar para a população, informações áridas quando se trata do assunto que envolve ciência, sendo que a prioridade dos veículos de comunicação é a de transmitir as informações e até mesmo divulgar conhecimento para saciar o interesse humano, quer ele seja um grupo seletivo ou de massa.

Abordaremos também a estreita relação que existe entre os jornalistas e cientistas, principalmente quando se diz respeito à construção do texto, e se os comunicólogos divulgam ou disseminam o discurso científico para a sociedade. Os autores usados como embasamento teórico serão Bueno (1984), Bertolli (2006), Veras Júnior (2005), Burkett (1990), Chaparro (1999), Felipe Pena (2005), entre outros, que nos levarão a compreender a temática proposta neste trabalho.

Deixaremos claro que os autores pesquisados neste estudo têm pontos divergentes sobre o pensamento comunicacional, o que não seria diferente quando se trata deste tema (MIÉGE, 2000).

1 CIÊNCIA, JORNALISMO E JORNALISMO CIENTÍFICO

Muitos jornalistas, comunicólogos entre outros profissionais, questionam se jornalismo é ciência.

Em entrevista para o portal: “Comunique-se”, Chaparro (1999) diz que jornalismo não é ciência, muito menos jornalismo científico, e argumenta que a função do jornalista não é produzir conhecimento e sim socializá-lo, e conclui que: "não cabe ao jornalismo venerar a ciência".

Para Pena (2005), existe sim o jornalismo científico e explica que este é um instrumento que tem por finalidade popularizar a ciência e até mesmo podendo ser utilizado como ferramenta para educar as pessoas.

Jornalismo científico é o instrumento mais eficaz de popularização do conhecimento científico, possibilitando sua apropriação pela sociedade e servindo de ferramenta de educação para a ciência. Também definido como a especialização da atividade jornalística direcionada para cobertura de ciência e tecnologia (C&t) (PENA 2005 *apud* RITTON, p. 109). Entendemos que a mídia com suas tecnologias torna-se responsável em divulgar informações e conhecimentos para a sociedade que deu “autorização” de representá-lo nos acontecimentos que ocorrem no mundo, por exemplo, científico. Educadores utilizam estas matérias didaticamente em salas de aula como forma de interpretação de linguagem, e na abordagem sobre questões de cidadania com seus alunos, pois estes sabem da responsabilidade ética e moral que têm os comunicólogos ao publicar um fato.

Pena (2005) concorda com Chaparro (1999) no quesito de que jornalismo não é ciência, pois os jornalistas não fazem ciência, e sim a divulgam para alfabetizar, transmitir valores e fortalecer a cultura, mas se o jornalista quiser realizar ciência, por exemplo, da comunicação, poderá, desde que diferencie jornalismo do que não é ciência; já Burkett (1990) relaciona o jornalismo científico à divulgação de eventos científicos realizados por cientistas.

Veras Júnior (2005, p. 45) destaca de forma sucinta que “a expressão jornalismo científico é geralmente designada aos profissionais da informação (repórteres e editores) que trabalham em veículos especializados”.

Bueno (2008) não segue a mesma linha de raciocínio de Veras Júnior e expressa que estes profissionais devem divulgar a ciência para toda a população, “o jornalismo científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa de acordo com os critérios e o sistema de produção jornalístico”.

Sob o mesmo ponto de vista, Bertolli Filho (2006) estabelece o entendimento sobre o jornalismo científico às condições presentes no cotidiano do jornalismo propriamente dito, que visa fazer todo o processo de reportagem que demanda desde a elaboração da pauta até *gatepeeker* (profissionais que permitem ou não que a informação seja veiculada na mídia).

É neste contexto que Bueno (*apud* CALADO, 2006) afirma que o jornalismo científico depende de alguns parâmetros que tipificam o próprio jornalismo, tais como a periodicidade, a atualidade e a difusão coletiva. O jornalismo enquanto atividade profissional, modalidade de discurso e forma de produção, possuem características próprias e gêneros próprios.

2 JORNALISMO CIENTÍFICO É DIVULGAÇÃO OU DISSEMINAÇÃO CIENTÍFICA?

Bertolli Filho (2006) relata que é comum colocarmos como sinônimos o jornalismo científico, a divulgação científica e a disseminação científica. No entanto, essas expressões não correspondem ao mesmo significado.

Bueno (1984) entende que a divulgação científica visa abranger um grande número de pessoas em geral, ou como iremos chamar comunicação de massa, com o discurso científico, tendo como modalidades: o jornalismo científico, os livros didáticos, as campanhas educativas, os documentários, entre outros.

O discurso nestas modalidades possui como meta ser construído com neutralidade e com objetividade, sempre explicitando o que o emissor transmitiu sobre ciência. É um modo de passar credibilidade nas informações decodificadas.

Na formulação do texto, dependendo onde irá ser publicado, terá uma linguagem jornalística ou didática, mas ambos os textos devem ser elaborados com imediatismo, o que no jargão jornalístico é chamado de *dead line* (é a hora de entregar os textos ao editor para ser publicado). Utilizando sempre terminologias como: analogia, comparações e metáforas, para facilitar a interpretação e compreensão da informação do que a ciência faz.

Desta forma, a divulgação científica vem beneficiar o jornalismo científico, por utilizar as ferramentas jornalísticas, enfim, esta divulgação é sedimentada em padrões estabelecidos como próprios do jornalismo.

Veras Júnior (2005) infere que a divulgação científica e o jornalismo científico têm conceitos distintos. O primeiro grupo é formado por cientistas e pesquisadores acadêmicos que têm como meta propagar a informação científica, mas cabe a ressalva de que eles não

precisam ter formação em comunicação social. Ao contrário do jornalismo científico que necessita de uma formação acadêmica na área jornalística (ALVARES, 2008, p. 71).

Contudo, cremos que estes conceitos são insuficientes para diferenciar divulgação científica e jornalismo científico, pelo fato de não importar se a pessoa é especialista da área jornalística ou não. Portanto, compreendemos a perspectiva de Bertolli Filho (2006) quando o mesmo expõe que o importante é que haja a propagação da ciência, não deixando de relatar que através da evolução tecnológica nos meios de comunicação, e a participação cada vez mais de pessoas interagindo nas redes sociais, estes se tornaram espaços onde tudo se pode escrever, até mesmo sobre ciência, sem que se tome o devido cuidado em selecionar o assunto e postá-lo com isenção humana. O que já era difícil para os jornalistas que desde o primeiro bimestre escutam dos professores, sobre a neutralidade ao usar a ferramenta jornalística ao escrever uma matéria, o que dirá os que não possuem este arcabouço.

Quanto à disseminação científica, Bueno (1984) propõe que esta é específica, por terem textos redigidos por especialistas e para especialistas, pesquisadores e cientistas, podendo assim usufruir de termos técnicos e tendo consciência também de que não apenas estão passando informações, e sim conhecimento científico em seus discursos.

Não devemos esquecer que a disseminação científica tem também como público cidadãos menos especializados comparados aos citados no parágrafo acima. A publicação é feita, por exemplo, através de ensaios apresentados em eventos científicos e revistas especializadas. Esta, por sua vez, encaixa-se no gênero de jornalístico ou jornalismo especializado.

O discurso científico, para disseminar seu conteúdo, utiliza-se do conceito de que a publicação deve ser feita com objetividade, o que também sucede na divulgação científica. O diferencial é que nesse discurso o entrevistado que produziu a ciência, fica “apagado”, por exemplo, o seu nome é posto na primeira pessoa do plural em vez de primeira pessoa do singular quando é citado.

Sabemos que no caso dos extrapares, a modalidade de propagar a notícia no jornalismo especializado é uma exceção quando se trata de disseminar a ciência. Este item tem característica da divulgação científica, ao dar crédito a quem produziu a ciência.

A formulação do texto é outro diferencial, pois o tempo do *dead line* é mais longo e sua circulação é restrita, como podemos constatar.

Cada uma dessas categorias, a divulgação científica, o jornalismo científico e a disseminação científica contribuem para a difusão do conhecimento científico, o que colabora para a “vulgarização” e “desacrilização” da ciência, cada um à sua maneira.

3 RELAÇÃO NO PROCESSO DE DIVULGAÇÃO/DISSEMINAÇÃO CIENTÍFICA

A cada dia vem crescendo a cobertura científica em veículos impressos e eletrônicos, assim como divulgação de *papers* e artigos, tanto os chamados artigos de jornal, como os artigos científicos (CALDAS, 1997).

Este crescimento deve-se à percepção dos cientistas, jornalistas e educadores em compreender a necessidade de divulgar informações e/ou conhecimento sobre a produção científica, para que a sociedade possa entender o quanto a ciência faz parte do seu cotidiano o que demonstra, por exemplo, a consciência dos comunicólogos comunicólogos sobre a responsabilidade social deles de propagar a ciência para que a sociedade possa entender e usufruir das informações divulgadas na mídia. Além disso, os comunicólogos perceberam a importância de realizarem palestras e congressos como o Intercom (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação), para que possam também mostrar seus estudos científicos e seus trabalhos acadêmicos e publicados nos meios de comunicação sobre ciência.

Na concepção de Bertolli Filho (2006) e de Bortolheiro; Bejarano (2006), o grande desafio ainda ao divulgar ciência é vencer o analfabetismo científico, o o que inclui não só o público, mas os próprios jornalistas, por ser uma condição fundamental para o desenvolvimento humano e social.

Este autor acrescenta que para isto faz-se prioritário investir nas graduações, cursos de pós-graduações, principalmente no Nordeste, por entender que existem ainda falhas na divulgação e no ensino desta região. Não que ele não veja erros nas regiões Sul e Sudeste, tidos como os estados tradicionais em fazer ciência e concomitantemente em divulgar.

Se considerarmos que os estudos sobre jornalismo científico são feitos quase que exclusivamente na região sudeste do país e que, portanto temos como produção

de conhecimento circulantes nestes debates o enfoque para as pesquisas científicas e tecnológicas ou os produtos científicos na mídia nacional produzidos neste eixo (*apud* BORTOLLIEIRO; BEJARANO, 2006).

Acrescentaríamos antes de tudo, que seria indispensável aos professores do ensino infantil até o ensino médio ensinarem e educarem de maneira fácil e divertida a ciência, como um objeto de estudo relacionado ao nosso dia a dia, e não apenas “jogando” certas didáticas, como pegar um grão de feijão e colocar em algodão molhado e deixar por alguns dias, para saber o que sucede, sem explicar o porquê e a sua finalidade, ou pelo menos a essência por trás de tudo isso. É lastimável fazer a criança nos dias de hoje, ter apenas uma “educação bancária” (onde apenas é depositado o conteúdo sem que haja um questionamento, reflexão sobre o assunto transmitido em sala de aula), como definiu Freire.

Já Bortollieiro (2006) enxerga a necessidade de parceria entre a ciência representada pela figura do cientista que produz oficialmente a ciência e as empresas de comunicação para combater o analfabetismo, por ser uma maneira de “vulgarizar” e “sacralizar” a ciência para o público que é agendado no seu cotidiano pela mídia (*agenda setting*).

Seria um modo dos veículos de comunicação diminuir estatisticamente porcentagens altas sobre o analfabetismo científico no mundo.

Bejarano (2004) alerta para o perigo do jornalismo científico se transformar em um meio de informação com finalidade apenas de divulgar mercadorias. Afinal de contas, não devemos esquecer que as empresas são administradas por empresários que muitas das vezes não visam ou não têm o mesmo interesse humano em alfabetizar a sociedade, almejando apenas lucros. Devemos ser realistas e percebemos a necessidade de se vender o “produto”, no caso as notícias, afinal nesta encontra-se todo o nosso “capital intelectual”, o que não deixando de lado a responsabilidade que os jornalistas possuem, afinal eles receberam um “contrato oficial” da sociedade para representá-lo, onde estes não podem apenas chegar, para observar os fatos.

Bueno (2008) declara em uma entrevista para o “Blog Paralelo” que o avanço do jornalismo científico é quase inexistente em nosso país. Diz que menos de 10% dos cursos de jornalismo têm alguma disciplina ou conteúdo com este contexto, e que temos muito a avançar para obter a qualidade. Afirma que faltam professores e espaços nas grades curriculares dos cursos para as experiências e politização dos cidadãos e dos próprios comunicólogos.

Não se trata apenas da prática do jornalismo científico, mas de sua pesquisa e reflexão. A nossa formação não deve ser confundida com adestramento, não devemos formar “focas” em jornalismo científico, produtores de *leads* e *subleads*, mas sujeitos pensantes (BUENO, 2008).

Nesse sentido, o autor consegue enxergar que certas instituições estão se preparando para um futuro promissor, no que diz respeito a propagar a ciência.

Caldas (1997) é mais otimista ao dizer que é inegável o avanço no que concerne ao inserir a ciência nas grades curriculares dos universitários, o que equivale em sua concepção dizer que está havendo uma conscientização dos jornalistas sobre a necessidade de se aperfeiçoar ao divulgar o tema ciência, de maneira crítica, coerente, objetiva e entendível pelo seu público, deixando claro que ainda tem muito a ser feito.

Já estamos vendo cada vez mais nas grades curriculares dos futuros jornalistas, a disciplina Jornalismo Científico, trabalhando o foco para conscientização dos estudantes da importância de propagar a ciência na sociedade, sem contar que em outras disciplinas já ensinam como fazer ciência. Assim, o aluno terá uma formação acadêmica completa, por entender o que é ciência, como fazer, como divulgar e/ ou disseminar e de que Jornalismo Científico não é ciência.

Ainda segundo Caldas (1997), os cientistas também vêm evoluindo ao abrir mais as portas de seus laboratórios aos jornalistas, além de procurarem entender o processo de produção da mídia e a linguagem jornalística, tão diferente da científica. Cita exemplos de como o Brasil está tentando suprir as deficiências entre cientistas e jornalistas com cursos *lato sensu* como os oferecidos pela PUC/SP, pela Puccamp e pelo Labjor da Unicamp.

Nesses cursos, jornalistas, educadores e cientistas de diferentes áreas do conhecimento trocam seus laboratórios, salas de aula e redações pelo aprendizado mútuo, onde o processo de produção de textos de divulgação ensina que a aventura do conhecimento é possível, e é tarefa a ser desenvolvida em comum, aliando técnicas, conteúdo e formatos na construção coletiva do conhecimento (CALDAS, 1997).

Temos muito ainda o que se fazer quando se trata sobre jornalismo científico, mas o certo é que os universitários estão tendo mais chances de encontrarem nas grades curriculares das universidades, a preocupação em ensinar e realizar estudos científicos.

Pena (2005) acrescenta a Umesp (Universidade Metodista de São Paulo), o Núcleo José Reis de Divulgação Científica da ECA-USP e a Universidade de Taubaté - Unitau e UFRJ que oferecem em seus mestrados, uma área de concentração em ciências da informação.

Estes são alguns exemplos da preocupação atual em vulgarizar a ciência e incluir no mercado de trabalho profissional com competência nesta área, ainda restrita a algumas pessoas.

Caldas (1997) continua citando exemplos, como o interesse da gestão do Governo Federal, de “unir” ambos profissionais através da criação de projetos especiais como: Mídia e Ciência; e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que contempla com bolsas de estudo jornalistas e cientistas envolvidos com iniciativas de divulgação da ciência.

Citamos, ainda, os congressos científicos promovidos pela Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), além de universidades, institutos e fundações como a Fiocruz e agências de fomento à pesquisa como a Fapesp, Faperj, Fapeam, entre outras, tudo isto para poder facilitar o entrosamento entre os jornalistas e cientistas, o que favorece não só a eles, mas a toda a população.

4 RELAÇÕES CONFLITUOSAS ENTRE JORNALISTAS E CIENTISTAS

Outra questão a ser discutida com a eliminação e/ou diminuição do analfabetismo científico é a estreita relação entre os cientistas e jornalistas, o que pode se construir para o processo da elaboração e divulgação da notícia.

Segundo Oliveira (2005), existem jornalistas que apenas copiam na íntegra o que ouviram do entrevistador ou tentam interpretar da sua maneira o que não entenderam, o que faz os veículos de comunicação informarem textos não compreensíveis, incompletos ou errados para o público.

Essa relação de conflito é via de mão dupla, pois de um lado os cientistas reclamam da falta de preparo e de conhecimento básico sobre o assunto abordado e a falta de atenção. Por outro lado, os jornalistas reclamam dos cientistas alegando que estes são intransigentes

e relutam em passar informações, além de comunicarem com termos técnicos próprios da área, o que dificulta o entendimento sobre o tema pautado, proporcionando interpretações e simplificações errôneas.

Segundo Arguello (2002 *apud* Bortoliero; Bejarano, 2006, p. 26), “as TVs do congresso promovem e repetem palestras de charlatães de pseudociência, muitos dos mais prestigiados jornais têm seções de astrologia com o título: ‘Como a Lua está fora do curso’ [...]”.

Lipton (p.63, 2007) compartilha com esta ideia ao relatar “o que pensar então das manchetes sensacionalistas anunciando a descoberta de um gene para cada doença, de depressão à esquizofrenia? Mas leia esses artigos com calma e você vai descobrir outra verdade por trás deles”.

Finaliza, em seu livro “Biologia da Crença”, dizendo que a mídia deturpa termos importantes, ao escrever sobre ciência na área biológica.

Os cientistas, assim como os jornalistas antes de tudo deveriam ter uma mesma finalidade, a de pensar no bem da sociedade que dependem diretamente ou não de seus trabalhos para tomarem decisões pessoais e profissionais em suas vidas. Cremos que cabe a eles comunicarem mais e serem tolerantes uns com outros.

Cavalcanti (1993) nos alerta também sobre os interesses econômicos e políticos que existem por parte das grandes empresas ao desejarem divulgar notícias sobre ciência, para lançar no mercado seus produtos. No que diz respeito aos cientistas, estes querem, em grande parte, se auto promoverem para conseguirem verbas dos órgãos públicos.

CONCLUSÃO

Chegamos à conclusão de que Jornalismo Científico definitivamente não é ciência, o que significa que os jornalistas quando são especialistas quer academicamente, com diploma de *lato sensu* ou por tempo de prática, não tem a função de realizar ciência, e sim de divulgá-la e/ ou disseminá-la de maneira ética, responsabilidade e bom senso. Claro que o jornalista também pode e deve exercitar a ciência, afinal são comunicólogos, logo podem praticar a ciência da comunicação, ou áreas afins para o benefício da sociedade.

E é isto que as faculdades que tem respeito com a educação de seus estudantes fazem ao mostrar a necessidade de uma melhor compreensão das terminologias sobre disseminação científica, divulgação científica e jornalismo científico. Além da discussão se jornalismo é ciência ou não, tornou este artigo relevante para servir como facilitador no processo de aprendizagem do jornalista, cientista e do cidadão de modo em geral. Vimos também como prioritário mostrar as diferenças no que diz respeito ao modo de pensar, agir e trabalhar entre os jornalistas e os cientistas quando se trata sobre o tema ciência. Estes reclamam que jornalistas não sabem interpretar seus discursos e com isto distorcem tudo o que relataram ou deixam de publicar trechos mais importantes sobre o tema que foi entrevistado, por outro lado, os repórteres afirmam que os cientistas são intransigentes e relutam em passar informações, além de se comunicarem apenas através de termos técnicos próprios da área.

O certo é que quando houver o entendimento sobre a importância de se alfabetizar, de nos alfabetizarmos e de compreendermos e aceitarmos estas diferenças de maneira harmônica, sem cairmos nas tentações de empresas antiéticas que querem tirar vantagem em tudo, poderemos realmente realizar a divulgação e a disseminação científica.

Dessa forma, estaremos realizando jornalismo científico quer apenas informando ou educando os cidadãos. O importante é estar realizando um trabalho intelectual com responsabilidade, divulgando assuntos com precisão e certeza.

Já o cientista deve entender que o jornalista trabalha com outro tipo de linguagem e se utiliza de métodos diferentes desde a coleta das informações até a publicação do tema abordado, assim saem “ganhando” os jornalistas, que cumprem com sua função profissional com responsabilidade social de informar; os cientistas, que tiveram seu trabalho divulgado de maneira correta e compreensível; e a sociedade, por estar fazendo parte do ecossistema comunicacional. Afinal, somos pautados pela *agenda setting* todos os dias.

REFERÊNCIAS

ALVARES, A. (2008). **Oito (ou mais) razões para se exigir o diploma.** In: Federação Nacional dos Jornalistas (org) *Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade Florianópolis.*

AMARAL, L. (1987). **Técnica de Jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

BECKER H. E. G.; SILVA T. R.; SANTOS K. S. (2003). **Divulgação Científica: um desafio para os profissionais da área de comunicação**. Pesquisa financiada pela Universidade Luterana do Brasil- ULBRA.

BERTOLLI FILHO, C. (2006). **Elementos fundamentais para a prática do Jornalismo Científico**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em: 6 de julho de 2010.

BORTOLIERO, S.; BEJARANO, N. R. R. (2006). **Os desafios dos jornalistas científicos, cientistas e educadores em ciência no século XXI**. IN: SOUZA, C.M; FERREIRA, J.R.; BORTOLIERO, S. (org). (2006). *Jornalismo Científico e Educação para as Ciências*. Taubaté: Cabral.

BUENO, W. da C. (2008). **Portal do Jornalismo Científico On-Line**. Disponível em: <<http://paralelas.wordpress.com>> Acesso em: 16 de julho de 2010.

_____. (2008). **O que é Jornalismo científico**. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm>>. Acesso em: 10 de julho de 2010.

_____. (2002). **O sigilo ameaça a informação científica: como comunicar o que não se pode saber?**. Disponível em: <www.jornalismocientifico.com.br>. Acesso em: 2 de julho de 2010.

_____. **Os novos desafios do jornalismo científico**. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo9.php>. Acesso em: 17 de julho de 2010.

_____. (1984). **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. 1984. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BURKETT, W. (1990). **Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BRUCE, H. Lipton. (2007). **A Biologia da Crença: ciência e espiritualidade na mesma sintonia: o poder da consciência sobre a matéria e os milagres.** Trad. Yma Vick. São Paulo: Butterfly.

CALADO, L. A. (2006). **A Ciência no Jornalismo: Análise das reportagens do suplemento Milenium - Jornal Correio da Paraíba. João Pessoa,** Monografia (Conclusão de Curso) - Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

CALDAS, G. (1997). **Jornalistas e cientistas devem atuar em conjunto.** In *Imprensa e pantanal*. Campo Grande (MS): UFMS / Fundação Konrad Adenauer, 1997. p. 23-28.

CAVALCANTI, F. G. (1993). **Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo.** Monografia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo13.php>. Acesso em: 12 de julho de 2010.

CHAPARRO, C. (1999). **De como a ciência pode ajudar a notícia.** Cortes & Recortes. Disponível em: < www.reescrita.jor.br>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

MIÈGE, B. (2000). **O pensamento comunicacional.** Petrópolis: Editora Vozes.

PENA, F. (2005). **1000 Perguntas Jornalismo.** Rio de Janeiro: Rio. (coleção da Estácio de Sá).

OLIVEIRA, F. (2005). **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto.

VERAS JÚNIOR, J. S. de. (2005). **Da informação ao conhecimento: o jornalismo científico na contemporaneidade.** Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/soares-jose-dissertacao.pdf>>. Acesso em: 6 de julho de 2010.